

Trabalhos Científicos

Título: Perfil Epidemiológico E Fatores De Risco Para Óbito Por Síndrome Congênita Associada À Infecção Pelo Vírus Zika (Scz) Em Recém-Nascidos Na Região Nordeste Entre 2015 E 2021

Autores: HELÁRIO AZEVEDO E SILVA NETO (UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ), CAMILA SILVEIRA MARQUES (UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ), FLÁVIA KAROLINE LIMA DE OLIVEIRA (UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ), JOÃO PEDRO VENANCIO LIMA (UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ), LIANDRA FERNANDES MONTEIRO (UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ), MANUELA DE SOUSA OLIVEIRA (UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ), PRISCILA SILVA COELHO (UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ), RENATA MONTEIRO JOVINO (UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ), SABRINA VINCI MARQUES PONTES (UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ), MARCO TÚLIO AGUIAR MOURÃO RIBEIRO (UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ)

Resumo: INTRODUÇÃO: A infecção pelo vírus Zika geralmente possui caráter autolimitado. Entretanto, em alguns casos, a doença pode ocasionar lesões neurológicas graves em bebês de mães infectadas durante a gestação, configurando a Síndrome Congênita do Zika (SCZ). OBJETIVO: Delinear o perfil epidemiológico da Síndrome Congênita do Zika e seus prováveis fatores de risco no Nordeste entre 2015 e 2021. METODOLOGIA: Trata-se de um estudo descritivo e analítico, alicerçado por dados do Registro de Eventos em Saúde Pública (RESP-Microcefalia). Foram avaliados os recém-nascidos com classificação final igual a “confirmado” e etiologia igual a “Vírus Zika”, mediante as variáveis: sexo, peso ao nascer, classificação do nascido vivo, alterações congênitas e desfecho em óbito. Variáveis em branco foram descartadas. RESULTADOS: No período designado, foram confirmados 1316 casos de SCZ em recém-nascidos no Nordeste, dentre os quais a prevalência foi superior no estado de Pernambuco (27,5%), seguido da Bahia (24,5%). 53,3% dos casos ocorreram no sexo masculino, enquanto 46,3%, no feminino. A maioria dos casos sucederam em recém-nascidos a termo (74,5%) e com peso adequado ao nascimento (56,3%). Ademais, 82,5% dos recém-nascidos apresentaram microcefalia, associada ou não a outras alterações. Quanto à mortalidade, 44,2% dos recém-nascidos com muito baixo peso (<1500g) evoluíram para óbito, contrastando com aqueles de peso adequado, nos quais o óbito representou apenas 0,51% dos casos. O sexo masculino reuniu 55,2% dos óbitos, enquanto o feminino, 41,6%. Quanto à idade gestacional, o percentual de óbitos foi maior no grupo dos prematuros (18%). Entre os casos de microcefalia, a maioria dos óbitos ocorreu entre aqueles que possuíam outras alterações associadas que não neurológicas (21,7%). CONCLUSÃO: Em síntese, prematuros com menos de 1500g configuram o principal perfil de risco para desfecho em óbito. Portanto, é imprescindível o acompanhamento periódico da gestação, além da adoção de cuidados, individuais e coletivos, para a prevenção de infecções.